

ORGANIZADORAS

Laura Wottrich (Coord.)

Nísia Martins do Rosário

EXPERIÊNCIAS METODOLÓGICAS NA COMUNICAÇÃO



| São Paulo | 2022 |



Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Lucas Andrius de Oliveira Peter Valmorbidia Potira Manoela de Moraes
Imagens da capa	Sketchepedia, Rawpixel.co, Visnezh - Freepik.com
Tipografias	Swiss 72, Andreas, Sofia Pro
Revisão	Agnaldo Alves
Organizadoras	Laura Wottrich (Coord.) Nísia Martins do Rosário

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E96

Experiências metodológicas na comunicação / Laura Wottrich (Coordenador), Nísia Martins do Rosário (Organizador). – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-551-4

DOI 10.31560/pimentacultural/2022.95514

1. Comunicação. 2. Metodologia. 3. Pesquisa. 4. Linguística. I. Wottrich, Laura (Coordenador). II. Rosário, Nísia Martins do (Organizador). III. Título.

CDD 302.2

Índice para catálogo sistemático:

I. Comunicação

Janaina Ramos – Bibliotecária – CRB-8/9166

PIMENTA CULTURAL

São Paulo · SP

Telefone: +55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 2

Parte



**EXPERIÊNCIAS
DE UMA METAPESQUISA
METODOLÓGICA**

1

Laura Wottrich
Nísia Martins do Rosário

MetAPESQUISA
e METODOLOGIA:
apontamentos iniciais

DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.95514.01

A ciência está sempre em movimento. As reflexões, os tensionamentos e os posicionamentos sobre ela, nas últimas décadas, buscam a atualização de alguns paradigmas a partir de outras perspectivas e algumas rupturas. Os deslocamentos de olhares permitem que outras teorias e metodologias sejam incorporadas ao campo, ampliando as instâncias de reflexão e as possibilidades de problematização dos objetos. Nessa via, as teorias passam a ser entendidas como tendências, mais do que como leis; o método, sobretudo, como “fazer o caminho enquanto se caminha”, como diz Morin (2003); as ciências reconhecem as variáveis como incontroláveis, além da dinamicidade dos objetos/fenômenos; a representação do objeto é abolida em seu determinismo, o qual o isola das diversas conexões que o engendram, ignorando as processualidades; o sujeito pesquisador está envolvido, inevitavelmente, com seu contexto histórico e social. O investigador é, portanto, segundo Marre (1991, p. 4) “[...] aquele que para fazer progredir a ciência, renuncia às grandes filosofias do devir histórico, para se instalar na descontinuidade, na ruptura, no corte epistemológico a ser operado”.

Essas ideias, contudo, não perdem de vista o rigor científico – no sentido de buscar precisão, aprofundamento e exatidão nos processos – e trazem à tona as complexidades e as multiplicidades que atravessam as pesquisas. A ciência, nessa perspectiva, se faz em uma rede complexa que envolve processualidades, dinamicidade, relatividades, transdisciplinaridade, objetividade, intersubjetividade e elementos incontroláveis. Cabe aos pesquisadores ficarem atentos e disponíveis para o debate e o compartilhamento daquilo que forem descobrindo e tensionando acerca desse cenário que se atualiza constantemente.

O tensionamento que se torna relevante, a partir disso, diz respeito, por um lado, a que não há unanimidade acerca das visões sobre a ciência – até mesmo porque elas são múltiplas –, e isso pode ser um ótimo indicativo, gerador de debates, de trocas, de percursos outros e de abertura de trilhas. Aceitar problematizar as perspectivas teóricas e

metodológicas que se inserem no campo é, sem dúvida, positivo para o avanço das pesquisas e, conseqüentemente, do conhecimento produzido. Por outro lado, se não há uma única forma de fazer ciência, há alguns percursos que foram desenvolvidos pela comunidade científica antes de nós, cuja apropriação nos auxilia a enfrentar a multiplicidade de visadas convocadas no campo científico e, também, a compreender como nos situamos dentro dele.

Nesse contexto de abertura e reconhecimento, voltamos nossa atenção para a dimensão metodológica, como uma instância articuladora das processualidades inscritas em uma prática investigativa particular, mas que também nos ajuda a ampliar a percepção sobre as formas como vivenciamos a pesquisa na Comunicação.

O aprendizado em torno da metodologia, longe do que dão a entender os manuais e orientações de ordem prescritiva, é um processo múltiplo, construído a partir de nossa posição como sujeitos, de nossa relação com o trabalho científico e também a partir das condições mais amplas em que estamos inseridos. Entre os pesquisadores que se iniciam na prática científica, especialmente no âmbito dos cursos de graduação, não é incomum ver aplicada a chamada “Lei do Instrumento” (BAUER; GASKELL, 2013), segundo a qual um jovem aprendiz que só conhece o martelo pensa que tudo deve ser tratado a marteladas.

É assim que as escolhas metodológicas algumas vezes operam, de forma mecanizada ou irrefletida. Frente à necessidade de se iniciar na prática de pesquisa e investir um fenômeno do mundo da cientificidade, os estudantes, por vezes, podem eleger procedimentos desvinculados do substrato teórico e epistemológico que matiza os objetivos da investigação. Ou, ainda, escolher instrumentos à revelia do que seus objetos de pesquisa demandam para serem investigados, em uma visão que limita as escolhas metodológicas a prescrições e a operações formais.

Não se trata, claro, de um problema ou equívoco pessoal. As formas como vivenciamos a dimensão metodológica em uma pesquisa são marcadas pela nossa concepção sobre o que é ciência, sua constituição, modos de operar e de elaborar o conhecimento. Podemos considerar que se trata de uma questão coletiva, constituída no curso histórico de desenvolvimento de um campo científico.

Investigar como se dá esse processo e engendrar mecanismos de reflexão sobre a prática metodológica pode ser, então, uma via de enfrentamento e de discussão desse cenário. Pelo menos, esse foi o ponto de partida que norteou o desenvolvimento do projeto “A análise metodológica na consolidação da prática de pesquisa no campo da Comunicação”, que teve como objetivo central investigar a constituição metodológica das pesquisas no campo da Comunicação a partir da pesquisa metodológica em teses e dissertações defendidas nos Programas de Pós-Graduação (PPGs) da área e cujo desenvolvimento será detalhado nesta primeira seção. Para apresentar o percurso desenvolvido, iniciamos com uma breve exploração das três balizas conceituais que nortearam o projeto: a noção de campo da Comunicação; a noção de metodologia da pesquisa e a noção de metapesquisa.

O campo acadêmico da Comunicação é aqui tomado como “[...] um conjunto de instituições de nível superior destinadas ao estudo e ao ensino da comunicação e onde se produz a teoria, a pesquisa e a formação universitária das profissões de comunicação” (LOPES, 2003a, p. 278). Pode ser compreendido a partir da sua estrutura, dado que se configura em um discurso científico, quanto a partir do seu processo, no momento em que também se efetiva como uma prática.

No campo da Comunicação, organizam-se alguns subcampos, como o científico, relativo às práticas de produção do conhecimento, no qual se enquadra a pesquisa acadêmica; o educativo, dedicado às formas de reprodução do conhecimento do campo, que se estrutura sobretudo através das universidades e de seus estatutos disciplinares

e, por fim, o subcampo profissional, dedicado especificamente a como esse conhecimento é transposto ao mercado de trabalho. O subcampo científico é o lugar onde as epistemes, teorias e metodologias circulam com mais vigor, um espaço institucionalmente referendado de produção do conhecimento, mas que se sustenta a partir do diálogo (mais ou menos próximo) com outros subcampos, como o educativo, no qual são formados os agentes desse campo, configurando um lugar importante para sua reprodução.

Entre a produção e a reprodução, na atribuição da autoridade científica, a dimensão metodológica ganha expressividade, isso porque a reprodução do campo orienta-se pela produção de conhecimento balizada em uma perspectiva metodológica de organização do mundo. Afinal, “[...] Uma perspectiva científica é sempre uma perspectiva teórico-metodológica e uma problemática teórica traz sempre acoplada uma problemática metodológica – que são as estratégias elaboradas ao longo do processo de construção/investigação de um objeto” (LOPES, 2004, p. 31).

A aderência empírica à discussão sobre o subcampo científico da Comunicação ocorreu, no projeto, a partir das teses e das dissertações defendidas pelos seus PPGs. É necessário justificar esta escolha: um dos marcos da estruturação da atividade científica na comunicação sob a lógica de campo (BOURDIEU, 1994) é a institucionalização dos PPGs, cujo desenvolvimento tornou-se uma instância fundamental para legitimação do conhecimento comunicacional.

Do surgimento dos primeiros PPGs na área até os dias de hoje, o campo da Comunicação desenvolveu-se e espalhou-se em solo brasileiro, em um processo de amadurecimento motivado por inúmeras discussões e disputas internas sobre as especificidades do objeto comunicacional, sobre os limites disciplinares da área e sobre o que, de fato, é possível nomear como “Pesquisa em Comunicação”.

Após um período de expansão na primeira década dos anos 2000, os PPGs da área se estabeleceram e se consolidaram, proporcionando abordagens diversas sobre os fenômenos comunicacionais. Neste cenário, tornam-se uma instância indicadora do estado do campo, assim como também forjam seu desenvolvimento, visto que é através da formação de novos pesquisadores que a comunicação “[...] pode não somente se reorientar para avançar em sua legitimação para ganhar maior autonomia e poder, senão que poderá gerar explicações mais plausíveis e orientadoras das transformações em curso no mundo” (NAVARRO, 2003, p. 38). A existência desses espaços de formação indica o investimento institucional na pesquisa acadêmica, uma esfera de legitimação reconhecida e partilhada socialmente que evidencia as qualificações científicas prestigiadas e quais questões são relevantes para a área. Configura-se, desse modo, uma instância interessante para compreender de que modo o conhecimento é produzido.

É a partir desse olhar em torno dos processos e práticas que chegamos à noção de metodologia da pesquisa que exercitamos. Não são poucos os deslizamentos existentes nas abordagens da metodologia da pesquisa em Comunicação. Seria objetivo fadado ao fracasso estabelecer uma única concepção de metodologia, e essa constatação é uma noção constitutiva deste livro, ou seja, de entender a metodologia como uma experiência.

Significa, nas palavras de Morin (2003, p. 25) “[...] aceitar caminhar sem caminho, fazer o caminho ao caminhar”. Tomar a metodologia como uma experiência que nos convoca a problematizar o método. Em tom provocador, Morin propõe aceitar uma perspectiva científica que abarque a dúvida da dúvida, aceitando a confusão e resistindo à “simplificação mutiladora”. Para ele, o mais importante é reaprender a aprender, o que implica repensar o próprio método e requer reorganização do sistema mental. Em outros termos, é o que González (2007) se refere como uma “atitude de dúvida permanente” que precisa ser cultivada em uma pesquisa.

Ora, isso transforma as práticas de pesquisa, exigindo do investigador, primeiramente, conhecimento dos processos metodológicos do campo e, paralelamente, requer postura crítica sobre o próprio percurso com avaliação constante deste (BONIN, 2011; BRAGA, 2011, LOPES, 2003b). Em acréscimo, demanda comprometimento metodológico, ou seja, entender a relevância da explicitação do trajeto e da problematização dos procedimentos de investigação, tendo em vista o compartilhamento de saberes e experiências e o avanço do campo.

Nesse processo, as questões metodológicas são fundamentais, uma vez que, conforme Lopes (2003c), refletem as considerações da ciência acerca dela mesma. Assim, o pesquisador opera sobre a atitude crítica, a ética e a consciência de suas ações científicas, configurando-se em um sujeito que empenha seu tempo muito mais na busca do conhecimento do que do reconhecimento, que está comprometido com os interesses do entorno social, com as demandas cidadãs e educacionais e que, tanto quanto possível, se descompromete com as normas e teores apenas burocráticos (ROSÁRIO, 2013).

Considerando esse “lugar do método”, a vivência de pesquisa organiza-se a partir de uma práxis. Com base na epistemologia histórica, essa práxis não se define por um conjunto de regras, de enunciados formais, de prescrições ou de manuais. A práxis científica¹² configura-se a partir da posição dos pesquisadores como sujeitos históricos do conhecimento, em diálogo/incorporação/tensionamento com as matrizes sociais, culturais, históricas e epistemológicas de seu próprio tempo.

A práxis não pode ser anterior ao sujeito – forma-se no seu processo de tomada de consciência e sedimentação das experiências investigativas – e, para que possa apreendê-la, a dimensão metodológica é central. A consciência, domínio e exercício da metodologia assumem um caráter formativo para a pesquisa (BONIN, 2011), mas que só

12 Consultar Maldonado (2001, 2011) e Pinto (2020).

alcança sua intenção quando assumido desde esse “lugar” de articulação entre teorias e experiência. Lopes (2003c) sintetiza essa posição com as duas abordagens em torno da metodologia: metodologia da pesquisa, voltada ao estudo de suas lógicas, epistemologias, enquadramentos e processualidades históricas; e metodologia na pesquisa, aquela que se realiza no percurso efetivo de uma investigação. A partir da noção de práxis, enfatizamos sua indissociabilidade.

Por isso, considerando nosso interesse na dimensão formativa dos pesquisadores, em vez de investir no delineamento de uma noção sobre metodologia, iluminamos a ideia de uma práxis metodológica, na qual a metodologia se realiza a partir da tomada da consciência do pesquisador em torno de sua construção na vivência investigativa. A metodologia “[...] só adquire significação concreta no ato real pelo qual se defrontam a razão humana e a natureza objetiva, e se trava a empresa de penetração e captação intelectual das propriedades das coisas pelo pensamento indagador” (PINTO, 2020, p. 357). Ou seja, sendo uma práxis, precisa ser compreendida como uma dimensão que orienta a construção de uma pesquisa, corporificada em fazeres e saberes que “[...] dão feição ao objeto do conhecimento, que se inscrevem em lógicas atuantes na *captura e fabricação pensada deste objeto*”. (BONIN, 2013, p. 44, grifo da autora).

A ideia de uma práxis metodológica configurada a partir da tomada de consciência do pesquisador não é algo trivial, pelo menos se observarmos o decurso histórico do desenvolvimento do conhecimento científico, matizado pelo formalismo metodológico e pela “cultura do receituário”. Ou seja, a práxis metodológica necessita ser estimulada no percurso formativo dos pesquisadores, e para isso podem ser acionadas algumas estratégias mais ou menos conhecidas e discutidas pelo campo científico. Uma delas é o cultivo da reflexividade como uma tomada de consciência em torno do próprio lugar do pesquisador e da deliberada realização de processos de objetivação em torno do conhecimento que cria. Ou seja,

[...] implica o saber do por que age da maneira que age, não apenas em função de uma tabela subjetiva de valores, mas sobretudo em função da *situação objetiva* onde vive, como homem obrigado a vencer constantemente a contradição da ignorância, que também pode se chamar, indiferentemente, a contradição do conhecimento (PINTO, 2020, p. 503, grifo nosso).

A tomada de consciência sobre essa situação objetiva onde vive passa por compreender a historicidade do campo do conhecimento e seus atravessamentos epistemológicos, políticos e subjetivos (WOTTRICH, 2021). No estímulo à reflexividade, algumas estratégias podem ser convocadas na prática de uma pesquisa. Uma delas é o diálogo com o campo em que se insere, uma articulação que pode se realizar em distintas dimensões, as quais estão articuladas à discussão sobre metapesquisa.

De forma simples, a metapesquisa é a pesquisa sobre a pesquisa, propõe-se a desenvolver estudos sobre os referenciais teóricos-epistemológicos e/ou metodológicos das investigações já realizadas em determinado campo ou área. Em outras palavras, ela busca construir um conhecimento, do ponto de vista científico, que explique processos de um conjunto de pesquisas. Mainardes (2018, p. 306) afirma que ela tem o objetivo de “[...] avaliar e melhorar a eficiência das práticas de pesquisa para gerar resultados de pesquisa mais confiáveis e úteis. Inclui a análise de métodos, formas de apresentar dados, reprodutibilidade, avaliação e incentivos”. Pela metapesquisa, é possível mapear as produções, identificar o que está sendo continuado, apontar tendências, analisar a qualificação dos estudos, reconhecer as linhas teóricas preponderantes, distinguir metodologias e seus usos. O prefixo *meta* indica posição posterior, mudança, transcendência e reflexão sobre si, sendo esse último significado o que mais se alinha ao termo *metapesquisa*. Essa perspectiva traz um ponto de vista interdisciplinar para fortalecer a ciência e viabilizar os seus avanços.

Não se pode esquecer que, conforme afirma Braga (2011), o objetivo da pesquisa é produzir conhecimento acadêmico e científico de várias ordens e em conexão com o campo. Nessa via, sabe-se que tal construção de conhecimento, para promover a qualificação da área, necessita, de parte dos investigadores, o exame constante de sua própria pesquisa, mas, também, a avaliação do conjunto da produção do campo – no sentido de apreciação, observação, análise de dados, crítica e reflexão. Braga (2011, p. 26) argumenta que é próprio da pesquisa acadêmica estar sujeita “[...] à crítica da comunidade de reflexão e investigação”. O papel da metapesquisa está, justamente, nessa camada que possibilita reunir informações, avaliar o pensamento científico e desenhar o cenário de determinada área por meio da reflexão crítica e acadêmica. Essa trajetória permite, ainda, ajudar a confeccionar um saber específico sobre o campo e tomar consciência do território em questão. Dessa forma, a metapesquisa vai investigar o que já foi estudado, retirando daí um compilado das teorias, dos métodos, dos dados, das temáticas, ou dos resultados que atravessam a coleção selecionada. A finalidade é – por meio das regularidades, continuidades e mesmo das linhas de fuga – refletir sobre os processos de investigação de um domínio demarcado.

Em outras palavras, o avanço do campo está conectado à visibilidade das conexões, articulações, costuras e engendramentos necessários para a construção das pesquisas; ao mesmo tempo, encaminha para uma dimensão de partilha de informações e apreciação da área. Além de servir à avaliação da pesquisa, Mainardes (2018, p. 306) observa que, nas Ciências Sociais e Humanas, a metapesquisa pode auxiliar a distinguir “[...] características, tendências, fragilidades e obstáculos para o desenvolvimento de um campo ou temática de pesquisa. Em geral, abrange a análise de aspectos teórico-epistemológicos, metodologias, estilos de argumentação, nível de coerência interna, reflexividade ética, etc.”. O autor sustenta que não há equivalência entre metapesquisa e revisão de literatura, estado da arte, estado do conhecimento ou revisão

sistemática, sendo esses últimos entendidos como práticas direcionadas à produção de projetos de pesquisa. A metapesquisa, por sua vez, é a pesquisa que se volta, fundamentalmente, para um conjunto de investigações, procurando examiná-lo em profundidade e pode envolver a metateoria, o metamétodo, a meta-análise.

Embora não existam consensos estabelecidos sobre a nomenclatura ou a amplitude de uma metapesquisa (JACKS, 2018), o conhecimento constituído em sua realização convoca um movimento crítico frente ao que foi inicialmente observado, em um tratamento de segunda ordem (GONZÁLEZ, 2007) das informações.

Ao voltar o olhar para o subcampo científico da comunicação no Brasil, precisamos ter bem claras as suas especificidades, algumas relacionadas a uma cultura científica em termos mais amplos, outras relacionadas a processos sócio-históricos particulares, tais como: a estreita relação entre pesquisa e pós-graduação; a variedade de linhas epistêmicas que habitam o campo; a diversidade de procedimentos metodológicos empregados e que tem origem, em grande parte, em outras áreas de conhecimento; as diferentes graduações utilizadas para a abordagem do método nos trabalhos acadêmicos. Também não podem escapar os desafios relativos à extensão do território comunicacional, ao pouco financiamento de pesquisas, à consolidação do subcampo e à fragmentação deste, conforme colocado por Fuentes Navarro (2007). Por outro lado, o subcampo científico da comunicação tem considerado, cada vez mais, a pertinência da metapesquisa em um contexto de crescimento da área e a conseqüente necessidade de análise de si mesmo, buscando o autoconhecimento e a autoavaliação. Configura-se, assim, a demanda por reflexões aprofundadas sobre os caminhos que estão sendo traçados, o modo como esse subcampo está se consolidando e a qualidade do que está sendo produzido. Fuentes Navarro (2007, p. 166) argumenta que a metapesquisa é uma

[...] especialidade indispensável para o reconhecimento dos processos de institucionalização, profissionalização e legitimação dessa área acadêmica, e [serve] para subsidiar 'mapas' heurísticos que facilitem, aos agentes responsáveis pelo seu gerenciamento e desenvolvimento, a interpretação crítica que a determina.

A relevância da metapesquisa voltada às metodologias da comunicação está, também, na possibilidade de abordar e promover o debate sobre o próprio método e como ele é utilizado, descortinando, assim, aspectos e elementos do subcampo científico que, até certo ponto, não são considerados e investigados em sua profundidade e amplitude. Assim, em primeiro lugar, é preciso reconhecer com Lopes (2003b) a complexidade do objeto da Comunicação e a necessidade da sistematização das práticas científicas. Esse caminho se completa com o que a autora chama de metodologia *da* pesquisa, como um espaço em que se estudam os métodos de uma ciência ou de um campo determinado, configurando-se como uma teoria metodológica. Essa perspectiva fornece elementos importantes para a metapesquisa apresentada nessa obra. Lopes (2003c, p. 99, grifo da autora) afirma que como “[...] estudos dos procedimentos de investigação, a Metodologia da Pesquisa se apresenta como ‘lógica reconstruída’, isto é, seu objetivo é realizar *reconstruções metodológicas* dos processos de investigação”.

Ao escrever sobre as práticas metodológicas na construção de uma pesquisa, Bonin (2011) indica caminhos possíveis para o descortinamento metodológico, atentando para, entre outras categorias, a riqueza das teses e dissertações defendidas e que conformam um material amplo e instigante sobre a área da Comunicação. Para montar o cenário investigativo da metodologia em uma pesquisa, são necessárias diversas estratégias de busca dos trabalhos a serem estudados, não só no banco de teses da Capes, mas nos repositórios de bibliotecas e dos próprios programas de pós-graduação. Na sequência, está o aprofundamento da análise pela “desconstrução metodológica”

como recurso que implica desvendar reflexivamente o percurso das pesquisas. Para isso, a autora propõe buscar entender a arquitetura do trabalho com relação ao modo como foi organizado na formulação da problematização, dos objetivos, dos eixos teóricos e metodológicos e dos procedimentos escolhidos e aplicados. Ainda, nesse movimento, está incluída a pesquisa metodológica, com a instauração de processos de estudo, reflexão, tensionamento e apropriação de propostas metodológicas realizadas em pesquisas concretas para extrair delas “elementos que possibilitem arquitetar arranjos metodológicos que respondam aos requerimentos das problemáticas com as quais estamos trabalhando” (BONIN, 2011, p. 38).

Esses movimentos de reconstrução e pesquisa metodológica são vinculados a um nível “micro” da metapesquisa, ou seja, realizados pelos pesquisadores em seus trajetos de problematização e descoberta. Nesse contexto, quanto menor for o conjunto de informações disponível para reconhecer as práticas metodológicas experimentadas em determinado campo do conhecimento, maior poderá ser a dificuldade para reconhecer as perspectivas e caminhos que podem estimular o próprio trajeto. Por isso, a metapesquisa metodológica considerada em um nível “macro”, mais abrangente, como a que exercitamos aqui, pode se tornar uma aliada importante para o reconhecimento do que outros trabalhos já propuseram em termos de metodologia, e também um convite à reflexividade.

Observamos que uma pergunta tão ampla quanto necessária sobre “Quais caminhos metodológicos adotamos na pesquisa em Comunicação?” não encontra fácil resolução. Ainda são escassos os investimentos em metapesquisa (em sentido amplo) na direção de conhecer e discutir as estratégias metodológicas dos trabalhos¹³, embora haja um reconhecimento, no âmbito dos investimentos encontrados, sobre a

13 Em texto recente, Peruzzo (2018) comenta sobre a necessidade de investir na compreensão das estratégias metodológicas mobilizadas pelas pesquisas do campo da Comunicação.

ainda frágil exposição metodológica das investigações na Comunicação¹⁴. Assim, inserido na discussão sobre metapesquisa que abordamos anteriormente, o projeto enfrentou o desafio de identificar as estratégias metodológicas convocadas pelo campo da Comunicação.

Antes de apresentar o percurso metodológico norteador do trabalho, cabe ainda trazer uma questão sensível que paira em torno do investimento de metapesquisa realizado. A identificação e a análise das estratégias metodológicas mobilizadas em pesquisas do campo pode levar à consideração de um “dever-ser” do método, ou seja, de que existiria uma forma correta, adequada ou modelar de apresentação da dimensão metodológica em uma pesquisa. Uma concepção que, no limite, se aproximaria de uma visão formal e idealista de metodologia, na qual, mais do que a vivência metodológica, importaria uma concepção quase epistolar sobre sua estrutura. Felizmente, não faltam opositores a essa visão, que podem ser representados pelo livro de título autoexplicativo assinado por Paul Feyerabend, *Contra o método*¹⁵ (2011a), ou ainda nas discussões mais contemporâneas vinculadas a epistemologias pós-modernas (BARBOSA, 2020), as quais questionam, na esteira dos enfrentamentos historicamente travados com correntes do empirismo científico, concepções desencarnadas, universais e sem sujeito de metodologia.

No entanto, a afirmação dessa posição sem considerar a práxis metodológica também pode levar, no limite, a uma atitude com efeitos

14 Isso demonstram Jacks, Meneses e Piedras (2008), Jacks (2014) e Jacks *et al.* (2017) ao empreender análise sobre as pesquisas no âmbito dos estudos de recepção brasileiros dos anos 1990 até 2015. A fragilidade metodológica é apontada como uma lacuna a ser enfrentada para o desenvolvimento da área. Embora seja evidentemente um recorte de análise frente às temáticas e áreas mobilizadas no campo comunicacional, ajudam-nos a refletir sobre o estatuto da metodologia em nossas pesquisas de modo mais amplo.

15 Sobre a recepção de *Contra o método* no Brasil, é oportuna a reflexão trazida por Lucia Santaella (2001, p. 192): “No contexto da cultura acadêmica brasileira, nas áreas das humanidades, onde já imperam certas negligências com os rigores do método, uma tal defesa não faz tanto sentido quanto ela pode fazer nos países com culturas acadêmicas mais exigentes do que a brasileira”.

deletérios à própria construção do conhecimento, com, por exemplo, a supressão, nos relatos de pesquisa, dos caminhos metodológicos e opções assumidas pelo pesquisador. Se percebemos a metodologia como uma camisa de força, não restaria outra opção que não nos livrarmos dela, advogando por um processo livre e autônomo de pesquisa. Trata-se de uma solução marcada pelo mesmo problema de origem, de tomar a metodologia em sua dimensão prescritiva e formal. Daí a necessidade de cultivar a metodologia como uma práxis, fundamentalmente inscrita em um percurso investigativo e que, devido a isso, necessita ser explicitada, tensionada, articulada à processualidade de cada pesquisa em particular.

Em livro-diálogo com sua obra mais famosa, Paul Feyerabend (2011b) resgata críticas realizadas pela comunidade científica na ocasião do lançamento de *Contra o método* e reitera que sua crítica mira sobretudo o conjunto de regras formais que seria alçado à posição de fiador absoluto da confiabilidade dos dados apresentados em uma investigação: “Os comentários que fizemos até aqui não significam que a pesquisa é arbitrária e desgovernada”. O autor completa: “Existem padrões, mas eles surgem do próprio processo de pesquisa, e não de visões abstratas de racionalidade. É preciso engenhosidade, tato, conhecimento de detalhes para chegar a uma avaliação bem fundamentada dos padrões existentes e para inventar novos” (2011b, p.123). Aqui, a partir de latitudes e premissas epistemológicas e políticas distintas sobre o papel da ciência, podemos aproximar a reflexão de Feyerabend ao que comenta o filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto: para ele, no processo metodológico, há invenção permanente e conservação contínua.

Na práxis metodológica, em chave dialética, o pesquisador atua simultaneamente como um revolucionário e como um conservador, “[...] revolucionário não apenas pelo que inventa de novo mas ainda pelo que escolhe do velho para conservar” (PINTO, 2020, p. 375).

Para saber o que conservar e o que transformar, é importante conhecer o que tem sido feito no campo do conhecimento com o qual o pesquisador dialoga e tensionar essa análise com a construção do próprio objeto de pesquisa.

Entendendo a importância da criação dessas condições de reconhecimento, a pesquisa foi estimulada por dois interesses centrais, compreender como a metodologia se realizava nas teses e dissertações defendidas nos Programas de Pós-Graduação brasileiros, no esforço de diálogo e de tensionamento com a literatura; mas também identificar o espaço atribuído à discussão metodológica nesses trabalhos, no sentido de capturar alguns indícios da configuração da práxis, inscrita nos relatórios. Passemos, pois, à explicitação do nosso percurso.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **Comunicação e método**: cenários e práticas de pesquisa. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

BAUER, Martin.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2013.

BONIN, Jiani. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. *In*: MALDONADO, Efendy. *et al.* **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2011.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. *In*: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu – sociologia**. São Paulo: Ática, 1994.

BRAGA, José Luis. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisão. **Revista E-Compós**, Brasília, v. 14, n. 1, jan./abr. 2011.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011a.

FEYERABEND, Paul. **A ciência em uma sociedade livre**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011b.

FUENTES NAVARRO, Raul. Fontes bibliográficas da pesquisa acadêmica nos cursos de pós-graduação em comunicação no Brasil e no México: uma aproximação da análise comparativa. **Matrizes**, n.1, out. 2007.

FUENTES NAVARRO, Raul. La producción social de sentido sobre la producción social de sentido: hacia la construcción de un marco epistemológico para los estudios de la comunicación. *In*: LOPES, Maria Immacolata Vassalo. (org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

GONZÁLEZ, Jorge. Primera parte. Por una cultura de conocimiento. *In*: GONZÁLEZ, J. A.; AMOZURRUTIA, José Amuzurrutia; MAASS, Margarita. **Ciber-cultur@ e iniciación en la investigación**. Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.

JACKS, Nilda. Reflexividade à vista! *In*: MATTOS, Maria Angela; BARROS, E. J. M.; OLIVEIRA, M. E. (org.). **Metapesquisa em comunicação**: o interacional e seu capital teórico nos textos da Compós. Porto Alegre: Sulina, 2018.

JACKS, Nilda; MENESES, Daiane.; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências**: a emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2008.

JACKS, Nilda. **Meios e Audiências II**: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2014.

JACKS, Nilda; PIEDRAS, Elisa.; JOHN, Valquíria.; PIENIZ, Mônica. **Meios e Audiências III**: reconfigurações nos estudos de recepção e de consumo midiático no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2017.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. *In*: LOPES, M. I. V. (org.). **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003a.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Epistemologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003b

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003c.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 27, n. 1, 2004.

MAINARDES, Jefferson. Metapesquisa no campo da política educacional: elementos conceituais e metodológicos. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 72, p. 303-319, nov./dez. 2018.

MALDONADO, Alberto Efendy. **Teorias da comunicação na América Latina:** enfoques, encontros e apropriações da obra de Verón. São Leopoldo: Editora da Unisinus, 2001.

MALDONADO, Alberto Efendy. Pesquisa em comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. *In:* MALDONADO, E. *et al.* **Metodologias de pesquisa em comunicação:** olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MARRE, Jacques. **A construção do objeto científico na investigação empírica.** Porto Alegre: UFRGS, 1991. (mimeo)

MORIN, Edgar. **O método 1:** a natureza da natureza. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

PERUZZO, Cicilia. Apontamentos para epistemologia e métodos na pesquisa em Comunicação no Brasil. **Comunicação e sociedade**, n. 33, p. 25-40, 2018.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e existência:** problemas filosóficos da pesquisa científica. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

ROSÁRIO, Nísia Martins. De la metodología transformadora a las transformaciones de la investigación. *In:* MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani.; ROSÁRIO, Nísia Martins. (org.). **Metodologías de investigación en comunicación.** Perspectivas transformadoras en la práctica investigativa. 1. ed. Quito: Editorial Quipus, CIESPAL, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa:** projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker, 2001.

WOTTRICH, Laura. Atravessamentos metodológicos da pesquisa em Comunicação. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 44, n. 2, p. 21-33, 2021.